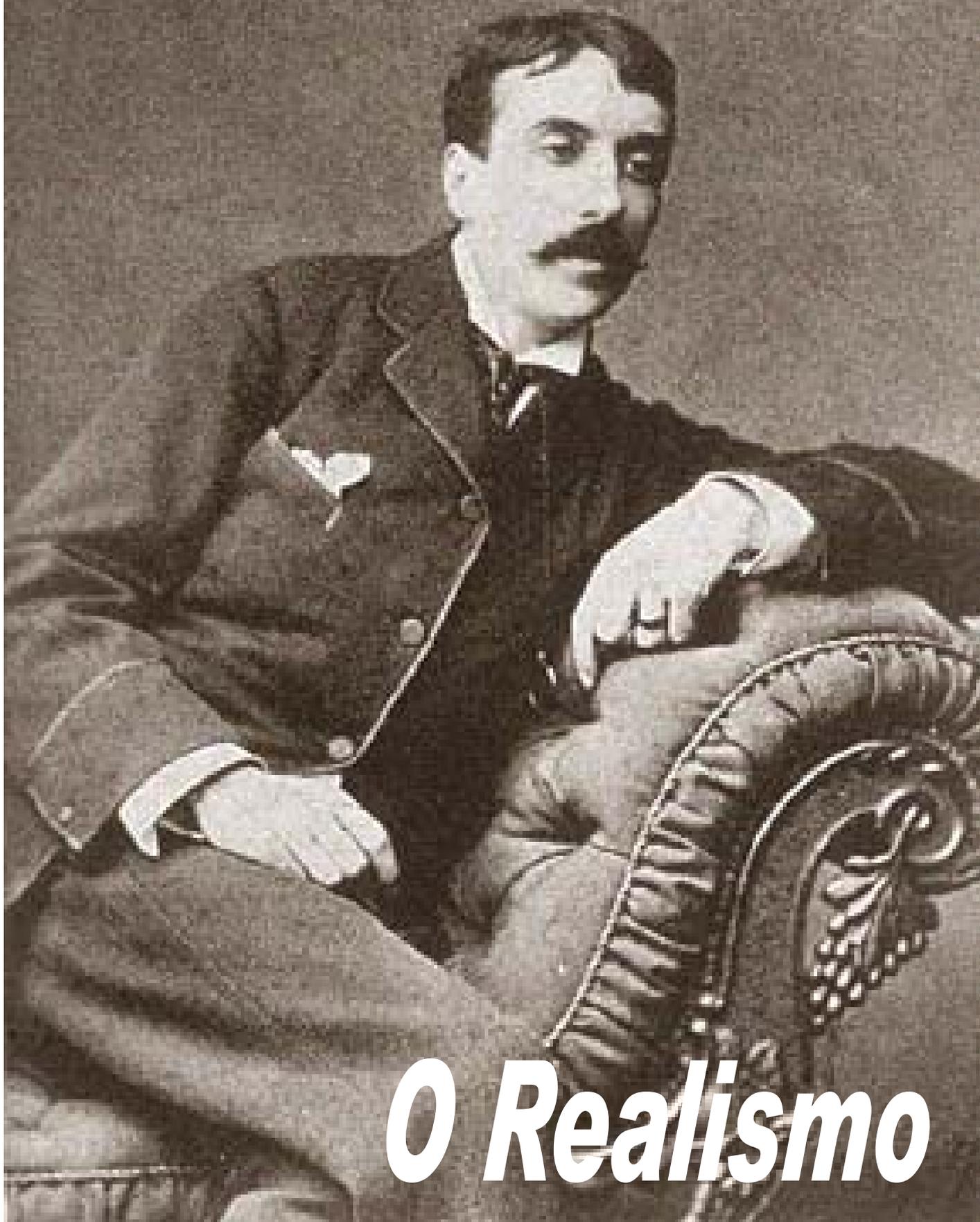


Português B
Pedro Pinto



O Realismo

PEDRO PINTO

O REALISMO
P o r t u g u ê s B

Escola Secundária Padre António Martins Oliveira de Lagoa

19/04/2004

Na capa: *Eça de Queirós, época de “O Primo Basílio” (fotografia de autor desconhecido de 1878).*

Índice

| | |
|------------------------|----|
| Introdução..... | 4 |
| Realismo | 5 |
| Contextualização | 5 |
| Em Portugal | 6 |
| Eça de Queirós..... | 9 |
| Conclusão | 11 |
| Bibliografia..... | 13 |

Introdução

Ao ser-me solicitado, no âmbito da disciplina de Português B, um trabalho sobre o Realismo em Portugal e a vida e obra de Eça de Queirós, procurei recolher a informação necessária que me permitisse a realização deste trabalho. Utilizei como fontes de pesquisa diversos livros sobre a História de Portugal, Enciclopédias, Dicionários de literatura, de forma a encontrar uma relação entre os temas em estudo.

Para uma melhor compreensão, dividi-o por tópicos de forma a facilitar não só a leitura como a compreensão dos temas.

A elaboração deste trabalho permitiu-me enriquecer os meus conhecimentos sobre a vida e obra de Eça de Queirós, o período em que viveu e a própria sociedade da altura, assim como o Realismo.

Realismo

Contextualização

Movimento artístico e literário do séc. XIX, que surgiu por oposição aos excessos líricos do romantismo e o idealismo classicista. Caracterizou-se fundamentalmente pela sua ligação crítica mas construtiva à sociedade: o retorno à objectividade na literatura, em contraposição ao romantismo; o rigor da escrita poética, assente num rigor reflexivo e numa planificação composicional.

O termo “realista” foi inicialmente utilizado para caracterizar a obra de artistas franceses naturalistas dos finais de oitocentos, este termo permite definir movimentos artísticos com programas diferentes, embora com alguns denominadores ideológicos comuns.

A renovação literária é impulsionada pela França. Sente-se a crise religiosa no positivismo de Auguste Comte. Renan com o seu ateísmo, Michelet e o seu anticlericalismo, o socialismo de Proudhon vão determinar essa renovação que se opera na segunda metade do século XIX. Também o determinismo e o naturalismo de Taine e, na literatura, Flaubert e Baudelaire, Alphonse Daudet, Balzac e Zola, uns com o romance realista e o Parnasianismo, outros com o romance naturalista, exercem

a sua influência nessa viragem que se opera. É a análise crítica dos vícios da classe dominante para modificar o modo de vida, renovar as mentalidades e transformar a sociedade. Com estes parâmetros, proclama uma literatura arejada, sã, positiva, com uma natureza soalheira, viva, matizada, aberta à observação e não propensa ao devaneio. Substitui-se o subjectivismo pelo objectivismo. A arte é posta ao serviço da ciência e daí o naturalismo. Afirma-se o impessoalismo, a objectividade, a captação das impressões pelos sentimentos. É evidente a apetência pelo pormenor descritivo, com



Imagem 1 – Guardando o Rebanho (óleo de Silva Porto, pintado em 1893). Era como ele via o país, um rebanho de carneiros a andarem num caminho poeirento.

uma relevância especial no emprego do adjectivo, da imagem, do concreto pelo abstracto. São postos de parte os valores espirituais, é anulado o interesse pelo passado nacional, o cosmopolitismo afirma-se. O realismo trouxe o enriquecimento e aperfeiçoamento da língua, com novas formas de expressão.

Em Portugal

Em Portugal agitava-se o mesmo sentido reformista, porque segundo Eça, “Coimbra vivia então (1860-65) uma grande actividade ou antes um grande tumulto mental”. Diariamente, facilitados os meios de comunicação, os comboios despejavam no seio dessa juventude o ideário que a França irradiava.

Esta falange de jovens devorava o socialista Proudhon, Zola, Renan, Vitor Hugo, entre outros, e breve se fez sentir essa rajada ideológica de natureza social e política nas *Odes Modernas* (1865) de Antero e na *Visão dos Tempos e Tempestades Sonoras* (1864) de Teófilo de Braga.

Preparava-se a tempestade literária que havia de arejar as ideias, protagonizada por: a “Geração de 70”, de Coimbra, modernos e realistas, agrupada em torno de Antero e de Eça de Queirós, reunia um grupo de jovens intelectuais onde se contava Guerra Junqueiro, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Jaime Batalha Reis, Teófilo Braga e alguns outros; e o grupo de Lisboa, dos antigos e ultra-românticos, onde se encontrava Castilho, Pinheiro Chagas, Júlio de Castilho, entre outros.

Castilho, em Lisboa, era o *magister dixit* de um grupo de novos poetas conservadores do romantismo, que procurava no “mestre” a carta de alforria que lhes desse nome. Forma-se assim, o clima elogio mútuo.



Imagem 2 – Retrato de Antero de Quental
(óleo de Domingos Rebelo).

Reagira Castilho, negativamente, ao receber as *Odes Modernas* que Antero, seu antigo discípulo, lhe ofereceu. Mas as nuvens adensaram-se, quando Pinheiro Chagas publicou o seu *Poema da Mocidade*, dedicado a Castilho, que o fez acompanhar de uma carta onde, abertamente, expendia o seu elogio, ao poema, ao poeta, que indigitava para o lugar de professor de literatura no Curso de Letras que vagara e, o que foi pior, fez insinuações destrutivas a Antero e Teófilo de Braga, “de quem (dizia) pelas alturas em que voam, confesso humilde e envergonhado, que muito pouco enxergo, nem atino para onde vão, nem avento o que será deles”. Do grupo de três, salvou-se Vieira de Castro, acerca do qual disse, logo a seguir: “é um talento verdadeiro, grandioso, exuberante, e dum futuro que me parece cobiçável”. Era o rastilho para a explosão.

Antero, com o destempero próprio da juventude, replica afrontosamente com *Bom Senso e Bom Gosto*, em forma de carta. Diz ele: O que se ataca... não é uma opinião literária menos provada, uma concepção poética mais atrevida, um estilo ou uma ideia. Isso é o pretexto, apenas. Mas a guerra faz-se à independência irreverente de escritores que entendem fazer por si o seu caminho, sem pedirem licença aos mestres, mas consultando só o seu trabalho e a sua consciência... A guerra faz-se à impiedade destes hereges das letras, que se revoltam contra a autoridade dos papés e pontífices... quem move estes ridículos combates de frases é a vaidade ferida dos mestres e dos pontífices... é a banalidade que quer dormir sossegada no seu leito de ninharias; é a vulgaridade...”

O crime da escola de Coimbra foi querer inovar. E ataca, depois, o verbalismo oco dos “apóstolos do dicionário” que “têm por evangelho um tratado de metrificacão”. Esses “desprezam a ideia”. Aponta, em seguida, os grandes pensadores (Hegel, Stuart Mill, Comte...) e, antes de concluir, declara, com injustiça do seu arrebatamento. Como é natural, as fracções dividem-se.

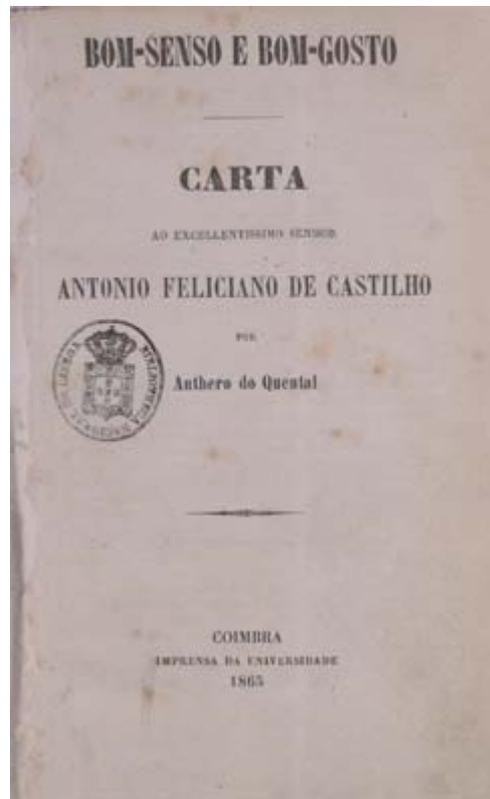


Imagem 3 – Antero de Quental, *Bom senso e bom gosto. Carta ao excellentissimo senhor Antonio Feliciano de Castilho, Coimbra 1865, rosto, p. 1*

Pinheiro Chagas responde com uma carta sob o mesmo título, Camilo escreve *Vaidades irritadas e irritantes* – do lado de Castilho. Teófilo Braga ataca-o com as *Teocracias Literárias* e Antero com *A Dignidade das Letras* e as *Literaturas Oficiais*. Foi acesa a contenda em que se escreveram algumas dezenas de panfletos.

O ponto final foi um duelo de Antero com Ortigão, no Porto, a pedir satisfação das críticas que este lhe dirigiu em *Literatura d’Hoje*. Embora em desacordo com a literatura ultrapassada do grupo de Castilho, Ramalho não aceitou a deselegância e injustiça do grupo de Coimbra.

Eis, pois, em traços gerais, aquela polémica literária que passou à história com o nome de *Questão Coimbrã*, a qual, se foi negativa pelo que de desagradável teve essa disputa acesa, conseguiu destruir as barreiras que impediam o avanço para o realismo.

Em 1871, a queda do Segundo Império e a Comuna de Paris tinham alarmado os meios políticos. O socialismo começava a passar do reino das utopias para o das ameaças e a possibilidade de transformar o Estado aparecia a muita gente como uma possibilidade concreta. O esforço empreendido pelo grupo do Cenáculo (formado pelo grupo de Coimbra ao reunir-se na capital) foi a organização de um ciclo de conferências em Lisboa, no Casino Lisbonense. No

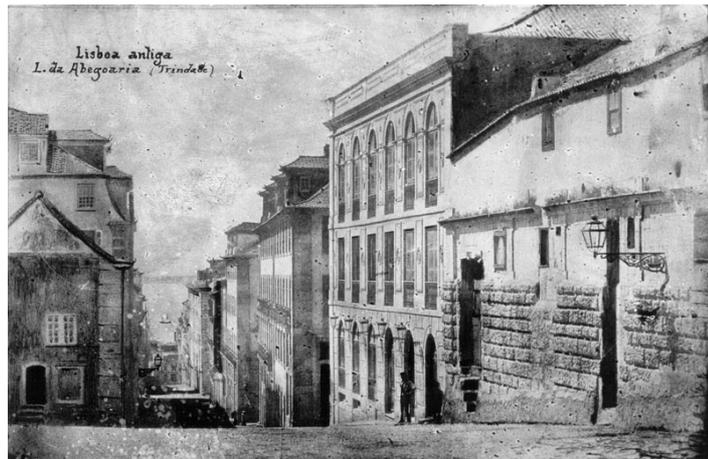


Imagem 4 – Casino Lisbonense, Largo da Abegoaria em Lisboa. Postal ilustrado, s.d.

respectivo programa expunha-se o objectivo: “estudar as condições de transformação política, económica e religiosa da sociedade portuguesa”.

O Governo proibiu as conferências e os homens do Cenáculo tentaram desencadear um grande movimento de protesto, mas não o conseguiram. O próprio Herculano, a quem pediram a opinião, mostrou-se muito evasivo. E foi este o último grande episódio da “geração de 70”. Os homens que inicialmente a tinham constituído dispersaram-se, e não é possível estabelecer qualquer espécie de unidade programática ou ideológica entre as intervenções que depois disso tiveram na vida portuguesa. O movimento nascera no seio de uma elite, inspirara-se em correntes de opinião

estrangeiras e nascidas de conjunturas muito diferentes da que se verificava em Portugal e acabou como nasceu: um grupo de onze intelectuais, que se designava a si próprio por Os Vencidos da Vida, passou a jantar todas as semanas no Hotel Bragança, onde, com bem-humorado pessimismo, discuteva finalmente sobre os problemas nacionais.

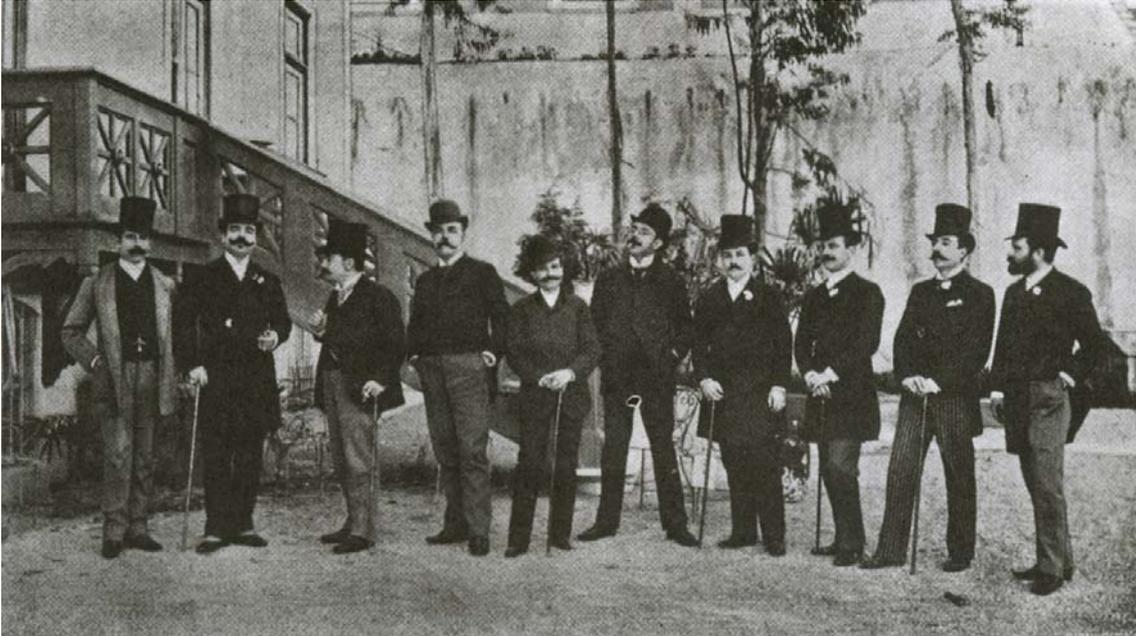


Imagem 5 – Os Vencidos da Vida (fotografia tirada no pátio da Casa dos Condes de Arno, em Lisboa, em 1888). A partir da esquerda vêem-se o conde de Sabugosa, o marquês de Soveral, Carlos Mayer, o conde de Ficalho, Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão, Carlos Lobo de Ávila, o conde de Arno, Eça de Queirós e Oliveira Martins.

Eça de Queirós

José Maria Eça de Queirós, filho natural de José Maria d'Almeida de Teixeira de Queirós e de mãe incógnita, nasceu a 25 de Novembro de 1845, na Póvoa de Varzim, e morreu a 16 de Agosto de 1900, em Paris.

A partir de 1863 cursa Direito, em Coimbra, onde se torna amigo de Antero de Quental; os primeiros folhetins que publica, indiciadores de uma nova estilística imaginativa, só sairão postumamente em livro com o título *Prosas Bárbaras*. Em 1867 funda o jornal *O Distrito de Évora*. De regresso a Lisboa, participa nas reuniões do Cenáculo que virão a estar na origem das *Conferências do Casino*. De parceria com Ramalho Ortigão, publica no Diário de Notícias, em folhetins, *O Mistério da Estrada de Sintra* (1870). No ano seguinte começa a publicar *As Farpas*. Concorre à diplomacia,

começando por ser cônsul em Havana e depois em Newcastle. Em 1886 Eça desposa Emília de Castro, fá-lo de certo modo passar a ver o mundo de outra maneira.

A partir de 1888 torna-se cônsul em Paris. O afastamento do meio português (aonde só vinha muito espaçadamente) não o impediu de colaborar na nossa imprensa, de fundar a Revista de Portugal (desde 1889) e deu-lhe um critério de observação mais objectivo e crítico da sociedade portuguesa, sobretudo das camadas mais altas. Aliás, foi em Inglaterra que Eça escreveu a parte mais significativa da sua obra, através da qual se revela um dos mais notáveis artistas da língua portuguesa.

As suas obras mais importantes são: *O Crime do Padre Amaro* (1874, mas a 3ª versão, definitiva, surge em 1880), *O Primo Basílio* (1878), *A Relíquia* (1887), *Os Maias* (1888, considerada a sua obra-prima), *A Ilustre Casa de Ramires* (1897) e *A Cidade e as Serras* (1899). Parte da restante obra foi publicada já depois da sua morte.



Imagem 6 – Eça no seu escritório, em Neuilly. 1897.

Conclusão

Os historiadores da literatura dão muito relevo a um movimento de renovação de ideais e de modelos literários verificado em Portugal nas décadas decorridas entre 1860 e 1880, o realismo. Compreende-se essa atenção porque o movimento teve por porta-vozes alguns dos maiores escritores portugueses do século XIX: Antero, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Teófilo Braga (é a esse núcleo, acrescido de mais alguns nomes que se convencionou colar a etiqueta de *geração de 70*). Do ponto de vista de uma eficiente intervenção política, e principalmente do dos resultados conseguidos na evolução das ideias e das instituições, a importância da “geração de 70” foi quase nula. Tem um certo interesse verificar que, dos homens que a formaram, o que mais influenciou o curso dos factos políticos foi precisamente o que, sob o aspecto literário, é mais medíocre: Teófilo Braga.

O chamado “movimento da geração de 70” iniciou-se em Coimbra e começou por revestir o aspecto de um protesto contra a arcaica disciplina da Universidade. Iria ter como características, o sol da liberdade, o progresso do século, idealista, revolucionária e literária, mas no fundo muito desligada dos problemas concretos da estrutura social portuguesa.

Um grande representante do realismo foi Eça de Queirós. Teve um êxito imenso, era um homem de forte talento e isso bastaria para explicar o seu prodigioso destino literário. Eça tinha uma visão de Portugal vista do estrangeiro, e isso permitiu uma observação mais objectiva e crítica, especialmente da alta sociedade, tendo-o demonstrado com “Os Maias”, considerada a sua obra-prima. Enriqueceu e aperfeiçoou a língua portuguesa, com novas formas de expressão.

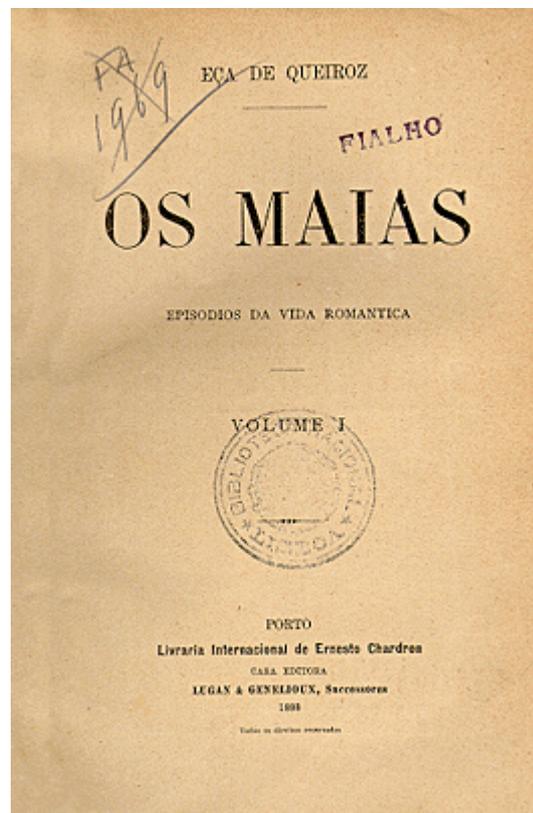


Imagem 7 – Capa da 1.ª ed., do Volume I de “Os Maias”.

A prosa de Eça foi a mais bela que se escreveu em Portugal durante todo o século XIX, o que tem de superior, é que é a prosa de um homem extremamente inteligente, com uma visão superior que o coloca muito acima de todos. Eça era um homem de cima, ele compreendia e escrevia, e em tudo o que ele escreve há um dom de generosidade, é homem que ama sem o confessar, e corrige sem ofender, é um espantoso prosador.

Bibliografia

- SARAIVA, José António – *As Ideias de Eça de Queirós*, Lisboa, Gradiva Publicações, 1.^a ed., 2000, pp. 45-85.
- SIMÕES, João Gaspar – *Eça de Queirós: a obra e o homem*, Lisboa, Editora Arcádia, 3.^a ed., 1978, pp.135-165.
- CIDADE, Hernâni – *Antero de Quental: a obra e o homem*, Lisboa, Editora Arcádia, 2.^a ed., 1978, pp. 11-49.
- MÓNICA, Maria Filomena – *Eça de Queirós*, Lisboa, Quetzal Editores, 4.^a ed., 2001, pp. 13-100.
- LABOURDETTE, Jean-François – *História de Portugal*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1.^a ed., 2001, pp. 531-533.
- CARRIÇO, Lilaz – *Literatura Prática II*, Porto, Porto Editora, 1.^a ed., 1999, pp. 175-263.
- SARAIVA, José Hermano; GUERRA, Maria Luísa – *Diário da História de Portugal*, Madrid, Selecções do Reader's Digest, 1.^a ed., 1998, pp. 457-459.
- REIS, António – *Portugal Contemporâneo – Volume I*, Lisboa, Publicações Alfa, 1.^a ed., 1996, pp. 655-664.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea – Academia das Ciências de Lisboa – II Volume*, Lisboa, Editorial Verbo, 1.^a ed., 2001, pp. 3097-3098.
- CABRAL, Avelino Soares – *O Realismo Eça de Queirós e “Os Maias”*, Mem Martins, Sebenta Editora, 1.^a ed., 1997, pp. 5-25.
- SARAIVA, António José; LOPES, Óscar – *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 17.^a ed., 2001, pp. 797-913.
- SARAIVA, José Hermano – *História de Portugal*, Mira-Sintra, Publicações Europa-América, 6.^a ed., 2001, pp. 452-455.
- CIDADE, Hernâni; SARAIVA, José Hermano – *História de Portugal – Volume VII*, Matosinhos, Edição e Conteúdos, 1.^a ed., 2004, pp. 67-77.
- JACINTO, Conceição; LANÇA, Gabriela – *Os Mais de Eça de Queirós*, Porto, Porto Editora, 1.^a ed., 2003, pp. 5-11.
- MACHADO, Álvaro Manuel – *Dicionário de Literatura Portuguesa*, Lisboa, Editorial Presença, 1.^a ed., 1996, pp. 395-401, 522-523 e 543-545.

RODRIGUES, António Simões – *História de Portugal em Datas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1.ª ed., 1994, pp. 222-223.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão; CEIA, Carlos – *Português – B – 11.º Ano*, Lisboa, Texto Editora, 2.ª ed., 2002, pp. 300-307.

RIBEIRA, Maria Aparecida – *História Crítica da Literatura Portuguesa – Realismo e Naturalismo*, Lisboa, Editorial Verbo, 2.ª ed., 2000, pp. 75-81, 181-188 e 361-366

SARAIVA, José Hermano – *História Essencial de Portugal – Volume V (DVD)*, Lisboa, Videofono, 1.ª ed., 2003, Capítulo 5.

Diciopédia 2004 (DVD), Porto, Porto Editora, 1.ª ed., 2003.